

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

MARIA CLARA DOS SANTOS OLIVEIRA

**A SOCIOGÊNIA E A DIMENSÃO SOCIAL DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM
FRANTZ FANON**

SANTOS

2020

MARIA CLARA DOS SANTOS OLIVEIRA

**A SOCIOGÊNIA E A DIMENSÃO SOCIAL DO SOFRIMENTO PSÍQUICO EM
FRANTZ FANON**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título
de Bacharel em Serviço Social
Universidade Federal de São Paulo
Orientador: Prof^o Dr. Deivison Mendes
Faustino

SANTOS

2020

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Maria Clara dos Santos.
O48s A sociogênia do sofrimento psíquico em Frantz
Fanon. / Maria Clara dos Santos Oliveira; Orientador
Deivison Mendes Faustino; Coorientador . -- Santos,
2020.
46 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto Saúde
e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2020.

1. Frantz Fanon. 2. Sociogênia. 3. Saúde mental.
4. Racismo. 5. Sofrimento psíquico. I. Faustino,
Deivison Mendes, Orient. II. Título.

CDD 361.3

MARIA CLARA DOS SANTOS OLIVEIRA

A sociogênia e a dimensão social do sofrimento psíquico em Frantz Fanon

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título
de Bacharel em Serviço Social
Universidade Federal de São Paulo
Orientador: Prof^o Dr. Deivison Mendes
Faustino

Aprovação: 21/10/2020

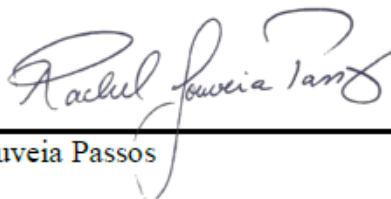
Examinadores:



Prof^o Dr. Deivison Mendes Faustino



Prof^o Dr. Daniel Péricles Arruda



Prof^a Dra. Rachel Gouveia Passos

À Fabio e Maria que me permitiram escutar suas histórias de vida, suas dores e alegrias e assim marcaram a minha vida. E a todos os homens e mulheres negros/as usuários da saúde mental, em especial os do CAPS Zona Noroeste, Santos – SP.

Este trabalho também é sobre vocês.

*Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração, um adeus*

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte*

*Je suis ici, ainda que não queiram, não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora*

*Cada rua dessa cidade cinza
Sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas*

E a palavra amor, cadê?

- Um corpo no mundo, Luedji Luna

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus que até aqui me sustentou. Pude provar sua providência e cuidado durante todo o tempo. Agradeço a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, minha mãe e padroeira a qual tem todo meu amor.

Agradeço a meu pai Joaquim que sempre me incentivou nos estudos e a buscar aquilo que sonho, obrigada por todo cuidado e apoio, por todas as vezes que se sacrificou por mim e meus irmãos. E a minha mãe Albertina que se estivesse por aqui com certeza estaria feliz com essa vitória. Obrigada por me ensinar a ser a mulher que sou, só sou porque a senhora foi minha maior fonte de amor. Espero estar te dando orgulho.

Agradeço a meus irmãos Anderson, Almir, Josemara, Juliete e Ana Caroline, pelo companheirismo e apoio no meu sonho de me aventurar em uma nova cidade pra estudar. Nada disso teria sido possível sem o incentivo e confiança de vocês. Agradeço também a minhas tias e tios que sempre torceram por mim.

Agradeço ao meu orientador Deivison, por tudo que me ensinou, por me apresentar o Fanon e por essa parceria de 3 anos. Aprender contigo foi uma honra. Obrigada por acreditar em mim e me incentivar a ir mais longe, você mostrou que é possível!

Agradeço a professora Renata e aos companheiros/as do Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares, por me acolherem, por serem quilombo e, por meio dos estudos, me ajudarem a me entender enquanto mulher negra nesse mundo. Chegar a essa pesquisa foi possível graças às reflexões provocadas por nossos encontros na sala 210.

Agradeço a minhas amigas de república Marília Gabriela, Isabela, Luana e Elisabete, pelas brincadeiras, risadas e afetos. Obrigada por terem tornado a aventura de viver em uma cidade nova e com muito perrengue, mais leve e feliz. Vocês foram e são família!

Agradeço as amigas Rafaela, Mikaela, Vitor, Letícia, Silvana, Érica e Aparecida por sempre acreditarem em mim e me incentivarem a viver esse sonho. Obrigada pelo amor, companheirismo e amizade de anos.

Agradeço a minha amada Lena, que foi parceira e me deu colo quando mais precisei. Amiga obrigada pelos mimos, pelas risadas e conselhos. Você me ensinou muito e essa pesquisa não teria saído sem a sua ajuda.

Agradeço aos amigos companheiros da melhor turma de Serviço Social, a 08. Sou grata pelos aprendizados em sala de aula e fora dela, pelas trocas e construções conjuntas. Em especial agradeço aos amigos Marília Gabriela, Ana Paula Pires, Joyce, Ana Paula Bocca,

Matheus, Carla, Guilherme, Amanda, Alessandra, Jorge, Fernanda e Lara por tornarem essa graduação mais leve com muita jogatina, risadas e bar da Tia Ana.

Agradeço às amigas do GOU (Grupo de Oração Universitário) Maria Rosa Mística. Sem o apoio e as orações de vocês eu não teria chegado até aqui. Obrigada por serem esse sonho de amor!

Agradeço imensamente as assistentes sociais Simone, Patricia e Mariane e minha dupla preferida e companheira de estágio Ana Paula Bocca, por me ensinarem no cotidiano profissional a ser uma assistente social crítica, que se posiciona em favor dos direitos da população usuária. Em especial agradeço à minha supervisora de campo Simone, por me acolher e por me ensinar a ser profissional atenta às demandas dos usuários, oferecendo a eles uma escuta sensível e um cuidado potente e crítico. Espero ser um dia essa assistente social incrível você é!

Agradeço a todos os técnicos/as e usuários/as do CAPS Zona Noroeste, que foi uma verdadeira escola pra mim. Obrigada por me ensinarem a lidar com os imprevistos do cotidiano, a trabalhar em equipe e por acolherem meu projeto de intervenção sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Sinto orgulho de ter feito parte desse serviço que carrega a história da reforma psiquiátrica no Brasil e é modelo de atuação e cuidado em saúde mental.

Agradeço a minhas parceiras da extensão Cultura da Palavra e Saúde Mental do PET Educação Popular por tantos aprendizados e trocas. Através desta extensão aprendi a ser profissional, descobri meu amor por trabalho com grupos e a potência da educação popular freiriana. Em especial agradeço ao Fabrício e as companheiras de trabalho de campo: Lena, Carla, Malu, Thaynara, Gabi, Paula e Mariana.

Agradeço aos professores/as do Hadla Feres, em especial à professora Sílvia Letícia que me selecionou para a pré-iniciação científica na USP em 2012, mostrando a mim e aos meus colegas que poderíamos ocupar aquele lugar.

Agradeço imensamente aos professores/as do Prestes Vestibulares! Vocês acreditaram em mim quando nem eu acreditava, cultivaram esse sonho e hoje estou concluindo a graduação. Obrigada por mostraram que é possível o/a jovem de periferia acessar a universidade pública.

Agradeço também aos professores/as de Serviço Social por contribuírem na minha formação profissional de maneira crítica. Vocês me ensinaram a amar essa profissão e a acreditar na possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária.

E por fim, mas não menos importante, agradeço à professora Rachel e ao professor Daniel por aceitarem a leitura deste trabalho. Tenho grande admiração pela trajetória profissional e os ensinamentos proporcionados por vocês através de seus escritos e aulas. Vocês também me ensinaram a amar essa profissão!

RESUMO

O presente trabalho apresenta as contribuições do psiquiatra, filósofo e ativista anticolonial Frantz Fanon para a área da saúde mental, tendo como objetivos entender a dimensão social do sofrimento psíquico a partir do conceito de sociogênia, estabelecer as relações teóricas, políticas e profissionais do autor como psiquiatra e psicanalista com a área mais ampla de saúde mental de sua época e problematizar as potencialidades de sua produção para o cuidado em saúde mental nos dias atuais. Este estudo se deu por meio de uma análise documental de seu primeiro livro *Pele negra, máscaras brancas*, onde foi feita uma coleta de dados que buscou identificar algumas categorias-chave para a compreensão de sua propositura teórica na qual se destaca a *sociogênia*. A sistematização privilegiou a identificação de reflexões sobre a relação entre colonialismo e racismo, subjetividade e dominação e racismo e afetividade. A apresentação dos achados será discutida junto à trajetória clínica do autor e do diálogo com a literatura crítica especializada em seu pensamento. Ao longo do trabalho apresentamos a trajetória profissional e política de Fanon assim como as categorias evidenciam a centralidade dos aspectos sociais sobre o sofrimento psíquico no qual se destaca o racismo. Ao final é problematizada a presença (ou ausência) do tema Racismo no movimento de luta antimanicomial e na chamada Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

PALAVRAS CHAVE: Frantz Fanon; Sociogênia; saúde mental; racismo; sofrimento psíquico

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Frantz Fanon

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CGMAD – Coordenação Geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas

DAPES – Departamento de Ações Programáticas Estratégicas

FLN - Frente de Libertação Nacional

PNSIPN - Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

RAPS - Rede de Atenção Psicossocial

SAS – Secretaria de Atenção à Saúde

SUS - Sistema Único de Saúde

TS – Trabalho em Saúde

UBS - Unidade Básica de Saúde

USF - Unidade de Saúde da Família

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. FRANTZ FANON: PSIQUIATRA E REVOLUCIONÁRIO.....	17
2. A SOCIOGÊNIA DE FRANTZ FANON.....	23
2.1. Princípio Sociogênico.....	23
2.2. Colonialismo, racismo e racialização	25
2.3. O reconhecimento do negro e a interdição da dialética.....	29
3. CONTRIBUIÇÕES DE FRANTZ FANON PARA A SAÚDE MENTAL	33
3.1. A sociogenia do sofrimento psíquico	33
3.2. Racismo e o cuidado em saúde mental.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

As inquietações para essa pesquisa se iniciaram a partir da experiência no módulo Encontros e Produção de Narrativas do eixo Trabalho em Saúde, onde a partir da experiência de escuta do meu narrador, um homem negro, usuário de um serviço de saúde mental, questionei a mim mesma: existe relação entre racismo e saúde mental? A partir disso busquei na pesquisa e - inicialmente por sugestão do meu orientador - em Frantz Fanon a resposta para este questionamento.

Em alguns momentos questionei a mim mesma se deveria, enquanto estudante de serviço social, pesquisar sobre um assunto comumente relacionado à psicologia e áreas correlatas, entretanto a experiência de TS, o trabalho que desenvolvi na extensão Cultura da Palavra e Saúde Mental, leituras sobre o assunto e as próprias aulas da graduação, me fizeram entender que “se o saber sobre a Saúde Mental está aberto ao ponto de vista social, o Serviço Social tem contribuições a oferecer” (BISNETO, 2007, p. 181). Por isso encontrei na experiência da iniciação científica a oportunidade de responder meu questionamento inicial e assim contribuir para a produção de conhecimento científico para a saúde da população negra, a qual também faço parte.

Este trabalho de conclusão de curso dá continuidade à pesquisa de iniciação científica intitulada “As contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental: uma análise para o serviço social” onde buscamos abordar as propostas do psiquiatra e psicanalista Frantz Fanon para o campo da saúde mental, identificando as categorias analíticas utilizadas por ele em seu primeiro livro, publicado originalmente em 1952 sobre o título *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscaras brancas [2008]).

A presente pesquisa, de caráter documental, toma o livro “Pele negra, máscaras brancas” (2008) como objeto de estudo, apoiando-se na literatura especializada para pensar os impactos do racismo sobre a saúde mental da população negra.

Com base no levantamento feito na iniciação científica, foi possível discutir e compreender a relação entre racismo e colonialismo, subjetividade e dominação e racismo e afetividade, problematizando as potencialidades de sua produção para se pensar o cuidado em saúde mental da população negra. Dentre as categorias encontradas destacamos a **Sociogênia**, citada por Fanon apenas no capítulo introdutório de “Pele negra, máscaras brancas”, porém fundamental para compreensão de toda sua obra (FAUSTINO, 2018). Em sua análise Fanon procura entender a alienação colonial com auxílio da psicologia, filosofia e sociologia e,

introduzindo o conceito de sociogênia, afirma que para uma verdadeira desalienação o negro precisa também tomar consciência da realidade social e econômica.

No mesmo livro, Fanon aponta que o racismo existe como um elemento estrutural na sociedade, se tratando de algo muito mais denso, atingindo as esferas sociais, psicológicas e econômicas, legitimando a dominação colonial (SAPÉDE, 2011). Nesta livro, o autor se coloca como negro e a partir daí conceitua um novo lugar epistemológico do negro moderno, discutindo com correntes teóricas como o marxismo e a psicanálise. Temas como relações interétnicas, sexualidade e relações de poder interracialis, são trabalhados ao longo da obra, buscando entender os efeitos psíquicos do colonialismo.

Sabendo que o cuidado com a saúde mental da população negra ainda é insatisfatório devido às barreiras do racismo institucional (DAMASCENO e ZANELLO, 2018; DAVID, 2018; LOPES, 2004; WERNECK, 2016) e entendendo que são poucos os estudos que relacionam racismo e saúde mental (DAVID, 2018), esta pesquisa busca contribuir com os estudos sobre o assunto, mostrando a atualidade do pensamento de Frantz Fanon para se pensar a subjetividade do negro em uma sociedade racista. Para isso iremos tratar sobre as relações teóricas, políticas e profissionais do autor como psiquiatra e psicanalista, com a área mais ampla da saúde mental de sua época, entendendo a sociogênia como chave central para compreensão de toda obra de Fanon e que nos leva a entender a relação entre colonialismo, subjetividade e os determinantes sociais do sofrimento psíquico.

Com base nos resultados apresentados na pesquisa “As contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental: uma análise para o serviço social” foi possível compreender que as violências do racismo são práticas que afetam a saúde mental da pessoa que sofre. A exposição constante a situações constrangedoras e humilhantes colaboram para “processos desorganizadores dos componentes psíquico e emocional” (Silva apud DAMASCENO e ZANELLO, 2018, p. 452). E se tratando de um problema para a saúde física e mental, “o sofrimento causado pelo racismo, passa, necessariamente, a ser um problema de saúde pública (DAMASCENO e ZANELLO, 2018, p. 452). Entendendo isso, iremos problematizar as potencialidades da produção de Fanon para pensar o cuidado em saúde mental e a atenção psicossocial no SUS, também atendendo as diretrizes da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2013), se tratando de uma produção de conhecimento científico para a saúde desta população.

No primeiro capítulo apresentamos a trajetória profissional e política de Frantz Fanon a partir da sua atuação enquanto psiquiatra e militante revolucionário. No segundo capítulo trabalhamos a categoria Sociogênia a partir do capítulo introdutório de “Pele negra, máscaras

brancas”, relacionando com a ideia de princípio sociogênico de Sylvia Wynter (1994), e a partir disso, com base nos estudos de Deivison Faustino (2015; 2018b) em três níveis de análise, apresentamos as categorias que evidenciam a centralidade dos aspectos sociais sobre o sofrimento psíquico no qual se destaca o racismo. Apoiados nas categorias trabalhadas, no terceiro capítulo tratamos sobre a relação entre colonialismo, subjetividade e sofrimento psíquico e por fim fazemos algumas problematizações sobre a ausência do debate sobre o racismo no movimento de luta antimanicomial e na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

1. FRANTZ FANON: PSIQUIATRA E REVOLUCIONÁRIO

*Eu, homem de cor, só quero uma coisa:
Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do
homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. Que me seja permitido descobrir
e querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre*
[...]

*Minha última prece:
Ô, meu corpo, faça de mim um homem que questiona!*
(FANON, 2008, p. 191 e 192).

Figura 1: Frantz Fanon



Fonte: The Lancet

Frantz Omar Fanon nasceu no dia 20 de julho de 1925, na ilha caribenha de Martinica, em uma família de classe média que vivia na capital Fort de France. A ilha caribenha, que atualmente é departamento ultramarino da França, na época era uma colônia francesa e a maior parte de sua população era composta por pessoas negras que se viam como francesas, mas não eram vistas assim pelos franceses (FAUSTINO, 2015).

Em 1944, com a invasão da França pela Alemanha nazista, Fanon alista-se ao exército e no front de guerra junto aos franceses brancos, ele percebeu que sua cor o impedia de ser visto como igual (FAUSTINO, 2015). Fanon percebeu que os martinicanos não eram tratados como franceses, pelo contrário, eram tidos como subalternos, já os martinicanos exaltavam a cultura europeia e rejeitavam tudo que fosse relacionado ao negro, a começar pela linguagem e o tom de pele (ibidem).

Com o fim da guerra Fanon foi para a França, onde após uma frustração com os colegas do curso de odontologia, decide iniciar os estudos em psiquiatria forense na Faculté

Mixte de Médecine et de Pharmacie da Université de Lyon, “profissão que atenderia aos seus interesses em investigações de ciências naturais e humanas” (FAUSTINO, 2018a, p. 42).

Em 1951, Fanon escreve sua dissertação para conclusão do curso sob o título “Ensaio sobre a desalienação do negro” (*Essai sur la désalienation du noir*), onde “discutia, ora de forma poética, ora de forma científica, os problemas sociopsíquicos do colonialismo” (FAUSTINO, 2018a, p. 52). Porém, devido a escolha do objeto de pesquisa e o caráter literário de sua monografia, o ensaio foi rejeitado pela banca por não estar de acordo os padrões da época (ibidem). Diante disso, em poucas semanas Fanon escreve um novo trabalho, sob o título “Alterações mentais, mudanças de personalidade, transtornos psíquicos e deficiência intelectual na heredo-degeneração spino-cerebelar”, o qual é aprovado com êxito pela banca.

Após concluir os estudos em psiquiatria forense, Frantz Fanon decidiu fazer residência médica em Saint Alban juntamente ao psiquiatra espanhol François Tosquelles (1912-1944). O psiquiatra assim como Fanon, acreditava que a desalienação psíquica dependeria de transformação radical da realidade social (FAUSTINO, 2018a). Ambos defendiam uma psiquiatria em face das diferenças humanas - levando em consideração os determinantes sociais do sofrimento psíquico e os seus efeitos na constituição da subjetividade (ibidem) -, onde os pacientes pudessem se reabilitar e assumir suas trajetórias de maneira autônoma.

Para Tosquelles, se as alienações psíquicas tinham origem em uma sociedade que milita contra a humanidade de determinadas pessoas, a superação do sofrimento psíquico passaria, em primeiro lugar, pela reorganização das instituições de cuidado em saúde mental, de forma a considerar o impacto das desigualdades sociais sobre o sofrimento psíquico (FAUSTINO, 2020; KHALFA, 2020).

Em 1952, Fanon inicia a revisão de seu ensaio rejeitado, dando origem ao seu primeiro livro *Peau noire, masques blancs*. “Pele negra, máscaras brancas” (2008) se configura como um estudo interdisciplinar devido seu caráter sociológico, epistemológico, político e poético, fazendo uso de análises clínicas, de sociodiagnósticos e da psicanálise para explicar as relações entre negros e brancos perpassadas pelo racismo na sociedade colonial (ROCHA, 2015).

Em 1953, após realização de diversos exames, Fanon foi aprovado para o posto de *chef de service* do *Le Médicat des Hôpitaux Psychiatriques*, um dos mais renomados hospitais de Paris, ocupando o posto em Pontorson, na França. No mesmo ano Fanon se muda para o Hospital psiquiátrico de Blida, na Argélia, lugar marcado pelos conflitos coloniais e pela luta por independência. “Essa nova fase foi fundamental para ele entender os impactos do

colonialismo na estrutura psíquica humana, pois se depara com pacientes franceses e argelinos agonizando por transtornos mentais provocados pela violência da luta anticolonial” (Oto apud FAUSTINO, 2015).

De acordo com Faustino (2015), a presença do colonialismo também se dava na área da saúde. Com base em constatações “científicas” e nos manuais da École psyiquiatricque d’Alger as pessoas diagnosticadas com doenças mentais, na época, eram isoladas em hospitais psiquiátricos e presas por camisas de força, sendo que os pacientes franceses eram alocados em alas diferentes dos argelinos (ibidem). As divisões raciais no hospital refletiam as representações dominantes dos franceses em relação aos argelinos, se tratando de uma manutenção das relações de poder coloniais (FAUSTINO, 2018a).

Diante de tal fato, Fanon

introduziu uma reforma extraordinária: substituiu a separação racial das alas por outra que considerasse o grau de sofrimento psíquico do paciente, aglutinando árabes, berberes e franceses nas mesmas alas. Além disso, a partir da reforma os pacientes passariam a ter liberdade para entrar e sair das salas quando quisessem e as camisas de força só seriam usadas em último caso (ibidem, p. 69).

Atividades como cinema, música e jornal do hospital foram usadas com finalidades terapêuticas para os pacientes, se tornando “instrumentos que davam a eles a possibilidade de reaprender a atribuir sentido aos elementos constitutivos de um ambiente” (KHALFA, 2020, p. 43).

Para a época, em que a separação de cor se apresentava como algo insuperável, as mudanças feitas por Fanon foram mal vistas por alguns funcionários do hospital, porém seu trabalho também foi bem visto por internos europeus que observavam suas ações, colaborando para que estabelecesse importantes parcerias para o hospital. A partir dessas reformas, todas as observações seriam tomadas como material para estudos psiquiátricos, levando em consideração a relação entre cultura, subjetividade e sofrimento psíquico (Macey apud FAUSTINO, 2015).

Entretanto, “a experiência da socioterapia que teve bons resultados no tratamento das mulheres europeias, permitindo descartar o uso de contenções como as camisas de força, se apresentou como um fracasso com os homens argelinos” (KHALFA, 2020, p.43). De acordo com Khalfa (2020), para Fanon a inviabilidade deste processo com os argelinos teve um motivo, descrito por ele e seu interno Jacques Azoulay, que publicaram um artigo relatando as frustrações e lições da socioterapia:

A resposta não se encontrava em alguma característica racial, e sim no fato de que o trabalho cognitivo de atribuição de sentido só pode ser feito em certos contextos de referência, e estes não são universais, mas culturalmente determinados, fato que se manifesta claramente numa sociedade colonial. “Em razão de qual desvio de

“julgamento”, escrevem Azoulay e Fanon, “podemos crer possível uma socioterapia de inspiração ocidental numa ala de alienados muçulmanos? Como seria possível uma análise estrutural se colocávamos entre parênteses os contextos geográficos, históricos, culturais e sociais?” (Fanon e Azoulay apud KHALFA, 2020, p. 43).

Para Charles Geronimi (apud KHALFA, 2020) o fracasso foi algo desejado por Fanon “como uma etapa necessária no estabelecimento das estruturas terapêuticas” (p. 42), considerando que o mesmo havia acabado de escrever “Pele negra, máscaras brancas” e um artigo sobre a “Síndrome norte-africana”, ambos trabalhos que evidenciavam a inviabilidade “de um encontro autêntico no contexto colonial” (KHALFA, 2020, p. 44).

Segundo Geronimi (apud KHALFA, 2020) Fanon acreditava que

[...] a cultura argelina era portadora de valores diferentes dos da cultura colonial; que esses valores estruturantes tinham de ser assumidos sem complexo por aqueles que os trazem: os enfermeiros ou os pacientes argelinos. Para ter a adesão dos argelinos, eu precisava suscitar neles um sentimento de revolta do tipo ‘somos tão capazes quanto os europeus’. Cabia a eles sugerir as formas de sociabilidade específicas e integrá-las no processo de socioterapia. Foi o que ocorreu. E acrescentou: ‘A psiquiatria deve ser política’” (p. 44).

Diante disso, Fanon e seus internos passaram a estudar a cultura local e a forma como conceituavam a doença mental e a partir disso reformularam as atividades socioterapêuticas, incluído ações que incorporavam a cultura argelina e que conseqüentemente contava com maior participação dos pacientes nativos.

De acordo com Khalfa (2020), Blida possibilitou a Fanon o esclarecimento a respeito dos problemas apresentados em “Pele negra, máscaras brancas” e em sua tese: “as relações entre o neurológico e o psiquiátrico e entre o psiquiátrico e o social” (p. 44). A experiência de Blida mostrou a Fanon para que funcionasse a terapia institucional, os aspectos culturais deveriam ser considerados assim como os sociais (KHALFA, 2020).

O cenário político da Argélia naquela época encontrava-se muito tenso. Diante da conquista da independência de diversos países africanos, os argelinos enxergaram a guerrilha e o terrorismo como saída para o fim do colonialismo, iniciaram então em 1954 as guerrilhas pela libertação da Argélia (FAUSTINO, 2015). As aspirações revolucionárias de Fanon encontram sentido diante das lutas de libertação nacional que eclodiam, com isso o jovem chefe do hospital psiquiátrico passou a atender os torturadores franceses que adoeciam diante de seu desumano ofício e, de maneira clandestina, atendia os argelinos torturados, integrantes da *Front de Liberation Nationale – FLN* (FAUSTINO, 2013).

Em 1956, Fanon passa a ser vigiado pela polícia por levantar suspeitas sobre seu envolvimento com a FLN, o que o obriga a se desligar do hospital e mudar clandestinamente com sua família para a Tunísia, onde continua a trabalhar como psiquiatra e se aprofunda em

sua atuação política como forma de compreender o principal fator para o sofrimento psíquico dos argelinos, o colonialismo (ibidem). Como forma de se desligar oficialmente e denunciar “a função de controle e desumanização que o hospício e a psiquiatria possuem enquanto estratégia de perpetuação do colonialismo” (PASSOS, 2018, p. 6), Fanon escreve uma carta pública ao ministro residente, representante administrativo do colonialismo francês:

A loucura é um dos meios que o homem tem de perder a sua liberdade. E posso dizer que, colocado nesta intersecção, medi com horror a amplitude da alienação dos habitantes deste país.

Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir ao homem deixar de ser estranho ao que o rodeia, devo afirmar que o Árabe, alienado permanentemente no seu país, vive num estado de despersonalização absoluta (Fanon apud FAUSTINO, 2013, p. 223).

Em Tunísia, com base nas reflexões proporcionadas em Blida, Fanon se questiona se não seria possível “conceber outras estruturas de higiene mental que não a própria instituição hospitalar” (KHALFA, 2020, p. 53). A partir disso dedicou-se a instalação e direção de um centro-dia vinculado ao Hospital Charles-Nicolle com o objetivo de substituir a hospitalização psiquiátrica. Fanon considerava esse modelo de atenção psiquiátrica avançado, pois poderia ser implementado em qualquer lugar, sobretudo nos países descolonizados, devido ao seu baixo custo e grande eficácia terapêutica. A vantagem do centro-dia em relação a hospitalização é que “a socioterapia pode ocorrer no ambiente social e cultural normal dos pacientes, que voltam para casa à noite, depois de terem se submetido a uma série de tratamentos apropriados durante o dia [...] e uma variedade de psicoterapias, individuais ou em grupo” (KHALFA, 2020, p. 54).

Por acreditar que o sofrimento psíquico é na verdade uma patologia da liberdade, Fanon (2020) entendeu que a internação limitava o campo de ação do paciente e o limitava ao espaço fechado do hospital. Já no centro-dia

O paciente não experimenta mais sua eventual saída como produto da boa vontade do médico. A dialética sumária do senhor e do escravo, do prisioneiro e do algoz, criada pela internação ou pela ameaça de internação, é radicalmente desfeita. O encontro médico-paciente, no quadro do hospital-dia, passa a ser permanentemente o encontro de duas liberdades. Isso é necessário para qualquer terapêutica e tanto mais na psiquiatria (FANON e GERONIMI, 2020, p. 87).

Já em 1959, Fanon publica o livro “Sociologia de uma Revolução”, onde descreve a mobilização e luta argelina contra o colonialismo e faz apontamentos sobre o sofrimento psíquico dos colonizados, afirmando que “resistir ao colonialismo exige, em determinadas situações concretas, contrapor-se à cultura colonial, sem desconsiderar nela os elementos universais que possam contribuir para o ‘progresso da nação’” (FAUSTINO, 2013, p. 223-224).

Ainda em 1959, Fanon participa do II Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Roma, que conta com a presença de diversos intelectuais negros da época, como Alioune Diop, Cheik Anta Diop e Senghor. Em seu momento de fala na conferência, criticando o movimento de negritude, Fanon declarou que “a condição de existência da cultura é pois a libertação nacional, o renascimento do Estado” (Fanon apud FAUSTINO, 2015, p.45), ou seja, os intelectuais não deveriam somente enaltecer a cultura africana, mas engajar os artistas e os demais intelectuais junto ao povo, buscando assim enaltecer seus saberes rumo a uma práxis revolucionária que transformasse radicalmente a sociedade. O próprio processo de luta anticolonial “desenvolve as diferentes direções da cultura e esboça novas orientações” (Fanon apud FAUSTINO, 2015, p. 45), condições favoráveis para a existência de uma cultura nacional.

No final de 1960, Fanon foi diagnosticado com leucemia. Por saber que lhe restava pouco tempo de vida, se dedica a escrever um trabalho que sintetizaria seus acúmulos teóricos, o que resultou na sua famosa obra *Les Damnés de la Terre* (1961).

“Os condenados da terra” foi escrito com base em sua análise sobre o colonialismo e a dominação colonial de sua época, onde discute de maneira mais profunda a sociedade colonial e a violência como forma fundante desta, sendo um debate para além da esfera psíquica (SAPEDA, 2011). Para Fanon a via revolucionária era a única forma de libertação dos colonizados, sendo que era preciso que estes fossem protagonistas e sujeitos de si, em busca de uma verdadeira emancipação (ibidem).

Contra sua vontade, em setembro de 1961, Fanon aceita o convite para se tratar em Washington, a fim de prolongar seus dias de vida, porém vem a falecer três meses depois, com apenas 36 anos de idade.

A atuação profissional de Fanon e seus escritos sobre a sua atuação enquanto psiquiatra na Argélia e militante da FLN, influenciaram Franco Basaglia ao tratar sobre os limites das instituições e a Reforma psiquiátrica italiana (PASSOS, 2018). Para Basaglia (apud PASSOS, 2018) a posição de Fanon diante das relações institucionais definidas pelo sistema, revela sua posição enquanto psiquiatra politizado, entendendo como saída a revolução, fora das instituições, como forma de agir.

De acordo com Passos (2018) a reforma psiquiátrica italiana serviu como modelo para a reforma psiquiátrica brasileira, entretanto não se identifica menções sobre a contribuição de Fanon para a Reforma Psiquiátrica e a Luta antimanicomial no Brasil, o que demonstra um distanciamento do debate étnico racial pensando nos efeitos do colonialismo sobre a subjetividade.

2. A SOCIOGÊNIA DE FRANTZ FANON

*Com a fé de quem olha do banco a cena
Do gol que nós mais precisava na trave
A felicidade do branco é plena
A pé, trilha em brasa e barranco, que pena
Se até pra sonhar tem entrave
A felicidade do branco é plena
A felicidade do preto é quase*

*Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
"Cuidado, não voa tão perto do sol
Eles num 'guenta te ver livre, imagina te ver rei"
O abutre quer te ver de algema pra dizer
"Ó, num falei?"*

*No fim das conta é tudo
Ismália
Quis tocar o céu, mas terminou no chão*

- Ismália, Emicida

2.1. Princípio Sociogênico

Com base nos resultados obtidos em minha pesquisa de iniciação científica intitulada “As contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental: uma análise para o Serviço Social” foram identificadas categorias analíticas utilizadas por Fanon para tratar sobre a relação entre racismo e colonialismo, subjetividade e dominação e racismo e afetividade. Dentre as categorias encontradas destacamos a **Sociogênia**, citada por Fanon apenas no capítulo introdutório de “Pele negra, máscaras brancas”, porém fundamental para compreensão de toda sua obra (FAUSTINO, 2018). No presente estudo, me debruçarei sobre a sociogenia do sofrimento psicossocial, buscando entender seus determinantes sociais a partir das contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental. Com base na discussão aqui levantada, pensaremos nos subsídios oferecidos pelos estudos de Fanon para o cuidado em saúde mental hoje.

Na introdução de “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon (2008) afirma que Freud reagiu contra a tendência constitucionalista em psicologia, vigente no fim do século XIX, exigindo que o fator individual fosse levado em consideração por meio da psicanálise, substituindo assim a tese filogenética pela ontogenética. Porém para Fanon em relação à alienação do negro não se trata apenas de uma questão individual “e, portanto, não pode ser explicada nos termos puramente ontogenéticos do paradigma psicanalítico” (WYNTER, 1999, p. 12).

“A alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia¹ e da ontogenia², há a *sociogenia*” (FANON, 2008, p.28, grifo nosso). De acordo com Wynter (1999) “embora a ‘cura’ projetada pela psicanálise dependa da premissa de que o sujeito individual é um modo de ser puramente ontogenético, [...] a ‘cura’ exigida no caso do preto seria baseado em um sociodiagnóstico” (p. 12), ou seja, para além da análise psicológica é preciso pensar a realidade econômica e social a qual o negro está inserido, levando-o a uma verdadeira desalienação, na qual compreenda o sofrimento psíquico em seu contexto histórico e social (FANON, 2008; FAUSTINO, 2018).

Sylvia Wynter (1999) adapta o termo de Fanon para *princípio sociogenico*, como forma de “relacioná-lo e contrastá-lo com o princípio genômico que define a identidade da espécie da vida puramente orgânica”, (WYNTER, 1999, p. 2) entendendo que a partir deste conceito, Fanon questiona “a definição puramente biológica da nossa cultura atual a respeito do que significa ser, e, portanto, do que significa poder ser humano” (Wynter apud GAGNÉ, 2018, p. 47).

Wynter ainda afirma que a concepção de humano de Fanon é revolucionária, pois rompe com a ordem vigente, podendo ser entendida como uma revolução intelectual (GAGNÉ, 2018), “nas suas palavras, existem três revoluções intelectuais que definem o nosso mundo ‘moderno’: o copernicano, o darwiniano e o fanoniano” (GAGNÉ, 2018, p. 48), sendo que a última ainda não está concluída. A revolução intelectual fanoniana poderia ter acontecido, como argumenta Wynter, por meio do movimento Black Power ou no contexto dos movimentos de lutas anticoloniais do terceiro mundo, pois tais movimentos inicialmente questionavam a estrutura vigente, mas acabaram sendo cooptados (GAGNÉ, 2018). Por isso, para Wynter, é preciso dar continuidade a transformação intelectual iniciada por Frantz Fanon e para além desta, a participação ativa na luta política pela transformação das condições sociais concretas de existência (FAUSTINO, 2018), pois como afirma Fanon “o prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício [...] a Sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa da influência humana. É pelo homem que a sociedade chega ao ser” (FANON, 2008, p. 28).

A partir da sociogenia Fanon faz uma análise do colonialismo, que abrange tanto o “impacto do mundo social sobre a emergência dos sentidos e identidades humanas” quanto “as situações individuais que se relacionam com o desenvolvimento e a preservação política e social das instituições” (GORDON, 2015, p. 2).

¹ História genealógica de uma espécie ou de um grupo biológico.

² História e desenvolvimento de um indivíduo desde a concepção até o desenvolvimento completo.

O colonialismo em Fanon é um dado da realidade social que se manifesta como exterioridade concreta aos sujeitos, não se resumindo, em hipótese alguma, a um regime de verdade ou a uma visão de mundo, mas sim, conformando as condições de possibilidades para as representações (distorcidas, diga-se, e não apenas inventadas) de colonizadores e colonizados (FAUSTINO, 2018b, p. 155).

Portanto, para compreender os complexos coloniais e os processos que constituem o colonialismo é necessário analisar “suas determinações historicamente concretas: a modernidade capitalista e a sua necessidade de converter o que é genuinamente humano em objeto de sua acumulação (FAUSTINO, 2018b, p.151).

Sendo fundamental para compreensão da obra de Frantz Fanon e base estruturante para sua proposta teórica, a sociogenia nos ajuda a compreender a relação entre racismo, capitalismo e colonialismo (FAUSTINO, 2018b), assim como a dimensão social do sofrimento psíquico. Para isso farei uso da análise de Faustino (2015, 2018b) dividida em três níveis os quais abordarei a seguir.

2.2. Colonialismo, racismo e racialização

Antes de introduzir o conceito de sociogenia em “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon aponta que:

A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo:
 - inicialmente econômico
 - em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade (FANON, 2008, p. 28).

Ao afirmar isso Fanon nos leva a compreender que, “para ele, a não observação das raízes econômicas e sociais das neuroses³ psíquicas leva, na maioria das vezes, a diagnósticos equivocados” (FAUSTINO, 2015, p. 55, 56). Assim sendo

a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo, uma solução deve ser encontrada [...] só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares (FANON, 2008, p. 29).

Segundo Faustino (2015), para Fanon também é importante que a tomada de consciência ultrapasse a dimensão econômica e se estenda ao mundo colonial. Em seu diálogo com o marxismo, Fanon afirma que a dialética opera com restrições no colonialismo, pois Alteração patológica do organismo, de origem psíquica. Caracteriza-se por perturbações psíquicas dos quais o indivíduo é consciente. Cf. Michaelis Online e Dicionário Online de Português.

³ Alteração patológica do organismo, de origem psíquica. Caracteriza-se por perturbações psíquicas dos quais o indivíduo é consciente. Cf. Michaelis Online e Dicionário Online de Português.

Nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser ligeiramente estendidas, a cada vez que se aborda o problema colonial (Fanon apud FAUSTINO, 2015, p. 58).

Diante disso como primeiro nível de análise da sociogenia, Faustino (2018b) afirma que para Fanon tanto o racismo quanto a racialização “são parte de um processo maior de dominação: a violenta e desigual expansão das relações capitalista de produção para o mundo não europeu” (ibidem, p. 152). Isto significa que a situação colonial foi estabelecida no processo de escravização, pautada na violência e não precisa ser legitimada, pois o Outro é enxergado apenas como propriedade e objeto, e não uma extensão do Eu (FAUSTINO, 2015). Na metrópole a exploração dos trabalhadores é feita através de ideias de unidade nacional e democracia, já no sistema colonial a exploração se dá pela violência contra o Outro coisificado. O lugar dos indivíduos na divisão social do trabalho é caracterizado por suas marcas fenotípicas e culturais (FANON, 2018; FAUSTINO, 2018) e é isto que caracteriza o segundo nível de análise. “O racismo para Fanon é tanto um “produto” quanto um processo pelo qual o grupo dominante lança mão para desarticular as possíveis linhas de força do dominado, destruindo seus ‘valores, sistemas de referência e panorama social’” (Fanon apud FAUSTINO, 2018b, p. 153).

Em sua crítica ao renomado psicanalista Octave Mannoni e seus escritos sobre psicologia do colonialismo, Fanon aponta o racismo como elemento central de opressão e instrumento de dominação do colonizador, atingindo as esferas sociais, psicológicas e econômicas (SAPÉDE, 2011).

Entendendo o racismo colonial como uma atitude de indivíduos ou classes específicas, em seu estudo sobre a sociedade sul-africana, Mannoni afirma que o proletariado branco da África do Sul assumia uma postura mais racista que a elite colonial, vinculando o racismo à atitudes discriminatórias (ibidem). Diante disso, influenciado pelas discussões sobre racismo e antissemitismo feitas por Sartre em *Réflexions sur la question juive*, Fanon (2008) afirma que em uma sociedade colonizada o racismo não se expressa apenas em ações discriminatórias ou por estar vinculado a classes determinadas, “mas pelo fato do racismo existir como *fator estrutural* na sociedade sul-africana” (SAPÉDE, 2011, p. 45, grifo nosso). Dentro dessa concepção Fanon (2008) defende “o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não é” (p.85) “não dependendo dos setores sociais ou culturais nos quais a discriminação emergirá com mais evidência. As atitudes de discriminação diretas são apenas sintomas de um sistema muito mais profundo” (SAPÉDE, 2011, p.45).

Avançando na crítica, Fanon (2008) afirma “que a Europa tem uma estrutura racista”, (p. 89), sendo assim o racismo é responsabilidade da civilização europeia, que teve sua expansão no período da modernidade, se tornando assim o seu eixo estruturante (FAUSTINO, 2018b). Portanto o racismo não é resultado da contradição de classes; é apropriado pela sociedade moderna, sendo essencial para a acumulação primitiva de capital, em um primeiro momento, e em um segundo momento colabora para a “exportação desigual e combinada das contradições implícitas ao sistema para a sua periferia global” (ibidem, p. 153).

A partir daqui podemos visualizar o terceiro nível de análise, o qual também estava presente nos momentos anteriores, porém agora se revela de maneira mais fácil: a racialização e seus aspectos de “epidermização” e interiorização subjetiva (FAUSTINO, 2015, 2018b).

Em “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon procura entender a alienação psíquica com auxílio da filosofia, sociologia e psicologia, sendo que para ele, alienação é a perda da capacidade de se autodeterminar como indivíduo ou grupo social, subordinado ao colonialismo. Os complexos coloniais são entendidos como efeitos psíquicos da situação colonial, e relacionam-se com a estruturação da sociedade (FAUSTINO, 2013).

A alienação colonial é um fenômeno socialmente construído que marca a configuração da sociedade moderna, a racialização do outro retira a possibilidade do colonizado se ver como universal do gênero humano, o colocando na posição de específico, animalizado e fetichizado, operando como importante mecanismo do colonialismo (FAUSTINO, 2013; ROCHA, 2015). A epidermização das posições sociais diz respeito ao fato do entendimento de raça passar a ser um “definidor das oportunidades e barreiras vividas pelos indivíduos ao longo de sua vida” (FAUSTINO, 2015, p. 59). Para Fanon, isso acontece porque “o mito do negro-ruim faz parte do inconsciente da coletividade” (FANON, 2008, p. 90) assim como a noção de superiorização. “O colonizador se bem que ‘em minoria’, não se sente inferiorizado [...] *é o racista quem cria o inferiorizado*” (ibidem, p. 90, grifo do autor), ou seja, é o branco quem cria a ideia de negro.

Os efeitos dessa alienação são destrutivos, causando no negro um complexo de inferioridade, enquanto o branco desenvolve um complexo de superioridade. A alienação do negro “se coloca de tal forma na realidade concretamente vivida [...] que não há possibilidade de encontrar outras maneiras de ser humano que não seja sendo branco” (FAUSTINO, 2018, p. 55).

Fanon (2008) aponta que o complexo de inferioridade é mantido pela relação de dominação colonial, sendo essencial para manutenção do colonialismo. Tal processo consiste

na relação racializada entre brancos e negros, onde “o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p.27). De acordo com Souza (1983)

a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco, e insistiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (p.19).

Estando o negro dentro dessa estrutura racista e autoritária, o mesmo deseja ser como o branco a fim de conquistar o espaço que este tem, o que coloca o negro em uma situação de negação e confronto contra si próprio, gerando um complexo de inferioridade (SAPEDA, 2011). Como afirma “alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito” (FANON, 2008, p. 27), essa demonstração pode se dar através do domínio da linguagem do colonizador e/ou da busca por um parceiro(a) branco(a). Ao tratar sobre a relação do negro com a linguagem, Fanon (2008) afirma que

todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva (p. 34).

“A valorização superestimada da cultura europeia, se fortalece na desvalorização das culturas dos negros, ou simplesmente, na total destituição cultural do colonizado, ou seja, na indicação de que há ausência de civilização entre os povos colonizados” (ROCHA, 2015, p. 115).

Nos capítulos “A mulher de cor e o branco” e “O homem de cor e a branca” Fanon (2008) nos mostra que o complexo de inferioridade introjetado na psique de um negro ou uma negra, pode influenciar as buscas afetivas e sexuais, bem como as escolhas de cônjuge, sendo o branco e a branca parceiros ideais para a ascensão social, tanto pela questão da cor quanto a questão material (ROCHA, 2015; SOUZA, 1983).

Em relação ao casamento propriamente interracial, pode-se perguntar em que medida não existe certas vezes, para o cônjuge de cor, uma espécie de consagração subjetiva, em si mesmo e aos próprios olhos, do extermínio do preconceito de cor que sofreu durante muito tempo.

[...]De fato, certos homens e certas mulheres se casam com pessoas de outra raça, de condição ou cultura inferiores, que não teriam aspirado como cônjuge na sua própria raça, e nesse caso o principal trunfo parece ser a garantia de esparecimento de costumes e de “desracialização” para o parceiro (Rythmes du monde apud FANON, 2008, p. 75).

Neste processo se caracteriza o que a psicanalista Neusa Santos Souza (1983) chama de Ideal de Ego Branco, um modelo o qual o indivíduo busca ser perfeito ou quase, recuperando o seu narcisismo original.

Realizar o Ideal de Ego é uma exigência - dificilmente burlável - que o Superego vai impor ao Ego. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal de Ego (SOUZA, 1983, p. 33).

Para o negro, o Ideal de Ego é branco, pois o mesmo vive em uma sociedade onde só o branco possui privilégios. Para alcançá-lo, é preciso que o negro rejeite tudo que está relacionado ao negro, neste caso o oposto ao branco.

Este Ideal de Ego se constitui devido à construção do Mito Negro: um discurso que tem como objetivo “negar a história e transformá-la em ‘natureza” (SOUZA, 1983, p. 25). É “um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco ele sente o peso da melanina” (FANON, 2008, p. 133).

Para Fanon (2008) este mito é construído através das representações onde o negro é apontado como o sujo, o ruim, o selvagem, o exótico, a pobreza, deixando de levar em consideração a história, sua cultura e seus vários determinantes. Alguns estereótipos como a sensibilidade, a resistência física e a potência sexual, também constituem o mito negro. O negro passa então a rejeitar a si próprio e a seus semelhantes, tendo o mito como uma verdade (FANON, 2008; SOUZA, 1983).

2.3. O reconhecimento do negro e a interdição da dialética

Em diálogo com Sartre, Fanon (2008) aponta que tanto os judeus quanto os negros são incômodos para a sociedade europeia, porém o judeu representa um perigo intelectual, enquanto que o negro representa um perigo sexual.

A conceituação pela mentalidade européia da inferiorização do negro terá como critério fundante [...] a vinculação direta entre o negro e a potência sexual, corpórea e biológica. Constrói-se desta forma uma categoria de ser humano menos “civilizados” na medida em que, ao contrário dos europeus, são refêns dos impulsos: impulsos de agressividade, impulsos musculares e sobretudo impulsos sexuais (SAPÉDE, 2011, p.49).

Dentro dessa perspectiva, Fanon chama essas atitudes discriminatórias de “negrofobia”, sendo que o racismo para ele trata-se de algo maior que opera em toda sociedade (SAPÉDE, 2011).

Aos olhos de uma mulher branca, segundo descreve o autor, o negro desperta uma mistura de medo e desejo, enquanto que para o homem branco, aparece como um concorrente que o coloca numa posição de impotência e também recalque. “A vinculação estereotípica do negro ao corpo deriva do ‘complexo de autoridade’ europeu, pelo qual afirma a racionalidade como valor maior humano” (SAPÉDE, 2011, p. 50).

Por exemplo, nenhum anti-semita pensaria em castrar um judeu. Matam-no ou o esterilizam. O preto é castrado. O pênis, símbolo da virilidade, é aniquilado, isto é, é negado. O judeu é atingido na sua personalidade confessional, na sua história, na sua raça, nas relações que mantém com seus ancestrais e seus descendentes [...] *Mas é na corporeidade que se atinge o preto. É enquanto personalidade concreta que ele é linchado* [...] O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste ‘diferente’, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e seus desejos” (FANON, 2008, p. 142; 147, grifo nosso).

A partir daqui fica mais nítido o segundo aspecto da racialização que se dá pelo colonizador e pelo colonizado: a interiorização subjetiva dessa epidermização (FAUSTINO, 2015). “É o momento em que os indivíduos deixam de se reconhecer mutuamente como humanos para ver a si e ao outro através da lente distorcida do colonialismo” (ibidem, p. 60). “O branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura” (FANON, 2008, p. 27) caracterizando o que Fanon chama de duplo narcisismo⁴.

Na tentativa de compreender a questão do reconhecimento e a relação do negro com o Outro, Fanon faz uso da psicologia Adleriana afirmando que:

Os pretos são comparação [...] ou seja, eles se preocupam constantemente com a autovalorização e com o ideal de ego. Cada vez que entram em contato com um outro, advém questões de valor, de mérito. Os antilhanos não tem valor próprio, eles são sempre tributários do aparecimento do outro. Estão sempre se referindo ao menos inteligente do que eu, ao mais negro do que eu, ao menos distinto do que eu. Qualquer posicionamento de si, qualquer estabilização de si mantêm relações de dependência com o desmantelamento do outro [...] *Qualquer ação do antilhano passa pelo outro. Não porque o outro seja o objetivo final de sua ação, na perspectiva da comunhão humana que descreve Adler, mas simplesmente porque é o outro que o afirma na sua necessidade de valorização* (FANON, 2008, p. 176; 177, grifo nosso).

Mesmo aplicando a teoria de Adler para explicar a situação do negro e seu reconhecimento, Fanon aponta limites: Adler criou uma psicologia individual e a situação do antilhano não se passa apenas com um, mas com todos, por isso o autor afirma que a sociedade antilhana é uma sociedade neurótica e de comparação e portanto a análise deve passar de individual à estrutura social (FANON, 2008).

Ainda pensando sobre a questão do negro e o reconhecimento, Fanon (2008) estabelece um diálogo com a dialética de Hegel e seus escritos em “Fenomenologia do Espírito”. De acordo com Hegel (apud FANON, 2008, p. 180) “a consciência de si é em si e para si quando e porque ela é em si e para si uma outra consciência de si; isto quer dizer que ela só é enquanto ser reconhecido”, ou seja o homem só é humano na medida em que se impor

⁴ De acordo com Fanon (2008) o duplo narcisismo consiste em uma relação onde o negro está fechado em sua negrura e o branco em sua brancura, se tratando de uma relação reciprocamente fetichizadora. Este relacionamento, mediado pela situação colonial, leva o negro a frequentemente enxergar o mundo a partir da visão do branco, que nega sua humanidade. (FAUSTINO, 2015). Cf. Fanon, 2008, p. 27.

a um outro, como forma de ser reconhecido e é do reconhecimento deste Outro que dependem seu valor e sua realidade humana, caracterizando assim uma relação de reciprocidade com objetivo de expandir a consciência de si universal (FANON, 2008).

As consciências do Eu e o Outro se movimentam com a intenção de fazer da outra objeto do seu desejo, tal relação pressupõe uma “luta de vida ou morte para provar a si mesma e uma a outra, e é somente a partir dessa luta que a consciência pode elevar-se à *verdade de si*” (FAUSTINO, 2015, p. 61 e 62, grifo do autor).

Na alegoria do senhor e do escravo, proposta por Hegel, o senhor é a consciência independente enquanto o escravo é a inconsciência dependente, porém na dialética percebe-se que nessa relação o verdadeiro dependente é o senhor, pois este precisa do trabalho do escravo, que é quem realmente transforma o desejo do senhor em gozo, com isso no idealismo hegeliano a consciência dominada eleva-se à condição de consciência independente (em-si e para-si), servindo ao senhor através do trabalho (Hegel apud FAUSTINO, 2015), ou seja, ambos são reconhecidos mutuamente enquanto sujeitos. Esse reconhecimento só é possível por meio da luta e o risco que ela envolve, se direcionando a “um bem supremo que é a transformação da certeza subjetiva” que se tem do próprio valor “em verdade objetiva universalmente válida” (FANON, 2008, p. 181).

Entretanto para Fanon

o colonialismo impede que, de um lado, a consciência ‘independente’ se veja como parte da *outra* que a compõe e, do outro, que a ‘consciência dominada’ alcance a ‘verdadeira independência’ como ‘consciência-de-si livre’. O *Outro* não se lhe aparece (embora continue sendo) como elemento constituinte do *Eu* e, em consequência disso, a universalidade – de ambos, diga-se, conquistada no contato - aparece como próprio de apenas uma delas: ao *dizer* ‘o que é o humano’, o europeu, com as mãos cheias de sangue e a consciência tranquila, *descreve a si mesmo*, excluindo como *menos* ou *não* humano a qualquer outro que não lhe próprio pareça com ele. E, desde então, o europeu/branco/ocidental passa a ser tomado como expressão universal do Ser [...] (FAUSTINO, 2015, p. 64, grifos do autor).

Conforme já discutido neste mesmo capítulo, isso ocorre porque no colonialismo o escravo, que quer ser livre, se depara com um mundo onde a única chance dessa possível liberdade é ser branco, pois essa é a expressão universal do Ser, assim “fechado em sua coisidade reificada, o negro não busca mais liberdade, mas ser branco” (FAUSTINO, 2015, p. 65). Com isso, Fanon afirma que a possível libertação não se dá pelo trabalho, pois diferente do escravo em Hegel, que “se afasta do senhor e se volta para o objeto”, o negro “volta-se para o senhor e abandona o objeto” (FANON, 2008, p. 183).

Ao afirmar que essa consciência de si universal só se realiza através da luta, Fanon (2008) aponta a necessidade de “conduzir o homem a ser acional” (p. 184) entendendo que “a

práxis revolucionária teria o poder de negar o estatuto colonial em todas as suas dimensões, restituindo a esse *Outro* reificado a sua posição de sujeito de si, ascendendo, assim, de objeto *inessencial* a um novo homem (FAUSTINO, 2015, p. 75).

Tanto o materialismo histórico de Marx quanto a influência de ideias de Hegel, faz com que Fanon inclua a libertação do negro em um projeto universalista de libertação, considerando que todas as formas de exploração tem uma semelhança em comum, pois são aplicadas a um mesmo objeto: o ser humano (ROCHA, 2015, p. 116).

Portanto é apenas a participação ativa na luta política pela transformação das condições sociais concretas de existência, que se abrirá as possibilidades para o surgimento de um novo ser humano (FAUSTINO, 2018).

3. CONTRIBUIÇÕES DE FRANTZ FANON PARA A SAÚDE MENTAL

*Tomava banho gelado, apanhava e ficava amarrada
 Sossega leão! Sem direito a cama, dormíamos no chão
 Depois do choque, me soltava, batia a cabeça, me desorganizava
 Era desumano os gritos de sofrimento
 Eu contava, mas ninguém acreditava
 Dormi em meio aos mortos, fiquei dias sem ver a luz do sol
 Perdi minha humanidade, perdi minha liberdade,
 perdi o meu direito, minha felicidade
 Hoje eu quero viver em liberdade,
 que não exista mais nenhuma grade!*

Poesia escrita por Maria Clara dos S. Oliveira com base nos relatos de M. A. O. M.

3.1. A sociogenia do sofrimento psíquico

No capítulo anterior tratamos sobre a sociogenia como “um fenômeno central para analisar o racismo e a colonização” (NOGUERA, 2020, p. 14). Para entender a sociogenia, apresentamos as categorias utilizadas por Fanon em “Pele negra, máscaras brancas” buscando elucidar o quão fundamentais são para compreender a relação entre colonialismo, subjetividade e sofrimento psíquico, assim como o impacto do racismo na saúde mental da população negra. Com isso, retomaremos aqui a discussão das categorias sociogenia, alienação colonial e mito negro como forma de aprofundar a discussão e consequentemente compreender as contribuições de Frantz Fanon para a saúde mental.

Para Fanon “a não observação das raízes econômicas e sociais das neuroses psíquicas leva, na maioria das vezes, a diagnósticos equivocados” (FAUSTINO, 2018, p. 55 e 56) por isso advoga pela necessidade de um sociodiagnóstico (FANON, 2008), o qual possibilita entender que a alienação do negro não se trata de um problema individual, mas um fenômeno socialmente construído, operando como “engrenagem de um sistema político capitalista, sendo o racismo também, para além dos domínios coloniais, um mecanismo de distribuição de privilégios em sociedades marcadas pela desigualdade” (ROCHA, 2015, p. 113).

A alienação colonial marca a configuração da sociedade moderna ao eleger o ocidente – ou os europeus – como expressões universais do gênero humano. Nessa fantasia narcisista, o branco é a figura do “bom, belo e verdadeiro” e, por esse motivo encarna, a representação da razão, do progresso, da civilização, modernidade e, sobretudo, daquilo que nos distinguiria do reino animal: a ideia de sermos sujeitos de nossos próprios pressupostos. O branco é alçado à universalidade e, diante dela, nem precisa mais ser especificado. Ao falar do

humano, é ao branco que nos referimos e ele, portanto, nem precisa pensar que é branco, entende-se simplesmente como humano (FAUSTINO, 2017).

Aos negros e às negras, frequentemente invisíveis quando se pensa o humano em suas dimensões genéricas e complexas, resta a posição de depositário das qualidades que o ocidente deixa de reconhecer em si. Com isso os negros e negras são vistos como o oposto ao “bom, belo e verdadeiro” (ibidem), ligados apenas à emoção de maneira animalizada e fetichizada. O que Fanon defende é que o racismo não se limita às expressões inferiorizadoras e animalizadoras das populações não brancas, mas, sobretudo, expressa-se pela própria representação de uma humanidade genérica que abrange sempre a Europa (burguesa), o ocidente, o homem branco e suas expressões universais. Como afirma:

Na Europa, o Mal é representado pelo negro. [...] O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. [...] O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (FANON, 2008, p. 160, grifos do autor).

Ao tratar sobre as representações que constituem o mito negro, Fanon (2008) faz uso da psicanálise e das conclusões de Freud, apontando os limites e possibilidades dessa teoria. O autor afirma que a psicanálise

como se sabe, se propõe a compreender determinados comportamentos no seio de um grupo específico representado pela família. E quando se trata de uma neurose vivida por um adulto, a tarefa do analista é reencontrar, na nova estrutura psíquica, uma analogia com certos elementos infantis, uma repetição, uma cópia de conflitos surgidos no seio da constelação familiar. Em qualquer dos casos, procura-se considerar a família como objeto e circunstância psíquicas (FANON, 2008, p. 127).

No caso do negro os fenômenos se complicam, pois na Europa a estrutura familiar e a nacional possuem relações próximas. A família é um pedaço da nação, por isso a criança que deixa seu meio familiar encontra as mesmas leis e valores; uma criança normal, crescida em uma família normal será uma pessoa normal (FANON, 2008). Porém tal determinação não se aplica no caso do negro: “Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (ibidem, p. 129).

Ao tratar sobre a origem das neuroses Freud (apud FANON, 2008) aponta que em quase todos os casos, constatou-se que os sintomas, por assim dizer, eram como que resíduos

de experiências emotivas, e, por esta razão, são chamadas de traumas psíquicos. Os sintomas nem sempre resultavam de um único acontecimento, mas, na maior parte dos casos, de múltiplos traumas, frequentemente análogos e recorrentes. Portanto, existem *Erlebnis*⁵ determinadas na origem das neuroses, recalçadas no inconsciente (FANON, 2008).

Usando como exemplo o caso de um estudante recém-chegado a Sorbonne, que antes mesmo de entrar em contato com qualquer situação conflitante, assume uma atitude defensiva, Fanon (2008) questiona se para o caso do negro as conclusões de Freud se aplicam, porém conclui que tais explicações possuem limites, por isso faz uso da noção de *catarsis coletiva*, entendendo que em toda sociedade deve existir um canal “através do qual as energias acumuladas, sob forma de agressividade, possam ser liberadas” (FANON, 2008, p. 130).

É a isso que tendem os jogos nas instituições para crianças, os psicodramas nas terapias coletivas e, de modo mais geral, as revistas ilustradas para os jovens [...] As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo de agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinado às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas - e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias - os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário ‘que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados’ tão facilmente quanto o menino branco (FANON, 2008, p. 130-131).

Entretanto, a ideia de *catarsis* é analiticamente útil, apenas se for pensada em sua dimensão cultural, ou adquirida, e não inata, ou transcendental. A essa altura, Fanon é bastante crítico com certa psicanálise que confunde, segundo argumenta, “instinto e hábito” ao justificar arquétipos racializados de forma naturalizada ou mística, ignorando com isso a gênese colonial – leia-se, histórica – de sua configuração⁶. O ponto é que o negro, diante de uma sociedade que apresenta sistematicamente o branco como única forma de ser humano, interioriza as imagens reificadas que criaram para si e, ao olhar no espelho, partilha com o branco de sua repulsa diante do que vê.

Fanon (2008) afirma que a partir dessas representações o jovem antilhano desenvolve atitudes, hábitos de pensar e agir, que são essencialmente brancos, porém ao menor contato com a sociedade europeia o jovem antilhano se percebe negro como as representações presentes no imaginário em relação com as vivências infantis (*Erlebnis*), descritas anteriormente.

Com isso, contestando a ideia de Jung, Fanon argumenta que

O inconsciente coletivo não depende de uma herança cerebral: é a consequência do que eu chamaria de imposição cultural irrefletida. Nada de surpreendente, pois que o

⁵ Vivência no vocabulário da filosofia alemã. Cf. nota de Fanon, 2008, p.129.

⁶ A crítica feita por Fanon trata sobre a ideia de inconsciente coletivo de Carl Jung. Cf. Fanon, 2008, p. 159-164.

antilhano, submetido ao método do sonho em vigília, reviva as mesmas fantasias de um europeu. É que o antilhano tem o mesmo inconsciente coletivo do europeu. Se o que acabou de ser dito faz sentido, estamos em condições de anunciar a conclusão seguinte: é normal que o antilhano seja negrófobo. Pelo inconsciente coletivo o antilhano adotou como seus todos os arquétipos do europeu. A *anima* do negro antilhano é quase sempre uma branca. Do mesmo modo, o *animus* dos antilhanos é sempre um branco. (FANON, 2008, p. 162, grifos do autor).

Isso significa, em primeiro lugar, que o negro ao buscar a sua humanidade no outro, encontra apenas imagens animalizadas e objetificantes acerca de si, se tratando de uma reprodução de imagens fetichizadas criadas no contexto colonial. Em segundo lugar, esse ser que ainda é sujeito - apesar de nunca ser reconhecido como tal -, impedido de ter a sua humanidade confirmada pelo outro e convencido apenas deste olhar reificador, aprende desde muito cedo a olhar-se também como um ente inexistente ou inadequado, interiorizando a imagem que o seu algoz lhe impôs.

A consequência disso, como Fanon aponta, é que no mundo branco homens e mulheres negras encontram “dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação” (FANON, 2008, p. 104). Ao se colocar enquanto homem negro e falar sobre a experiência vivida, o autor afirma que

É um conhecimento em terceira pessoa [...] Sei que, se quiser fumar, terei de estender o braço direito e pegar o pacote de cigarros que se encontra na outra extremidade da mesa. Os fósforos estão na gaveta da esquerda é preciso recuar um pouco. Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção do meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo - definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva (FANON, 2008, p. 104).

Fanon nos mostra que as consequências psíquicas dessa situação são expressivas (SAPPEDE, 2011):

Qual a nossa proposição? Simplesmente esta: quando os pretos abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se comportar como indivíduo *acional*. O sentido de sua ação estará no Outro (sob forma do branco), pois só o Outro pode valorizá-lo (FANON, 2008, p. 136, grifo do autor).

Diante disso, retomamos aqui o questionamento de Fanon: “Como sair do impasse?” (FANON, 2008, p. 27) Como chegar ao ser, se o negro depende do Outro (branco), que não o permite chegar a tal?

Conforme já tratamos aqui, a saída implica em uma reestruturação do mundo (FANON, 2008). De acordo com Sylvia Wynter (1994) o objetivo de Fanon em “Pele negra, máscaras brancas” “é libertar o homem negro de seu próprio senso de si, de sua identidade.” Entretanto, o negro só poderá libertar-se “se estiver preparado para travar a guerra em ambos os níveis - o socioeconômico e o sociogênico” (WYNTER, 1994, p. 11 e 13).

De acordo com a perspectiva sociogênica “o racismo integra um complexo sócio-histórico que está na base da formação da subjetividade, no núcleo da cisão colonial que determina quem está fora e quem está dentro” (NOGUERA, 2020, p.17). Ao propor a luta revolucionária como saída, Fanon aponta a necessidade de descolonização do pensamento (ibidem). Pensando em termos práticos e considerando o silêncio do movimento de luta antimanicomial brasileira diante dos efeitos do racismo, é preciso descolonizar o cuidado em saúde mental, em vista de uma prática humanizada e libertadora, que tenha como papel emancipar os sujeitos colonizados através de um olhar cuidadoso e atento aos processos sócio históricos (GONÇALVES, 2017).

3.2. Racismo e o cuidado em saúde mental

De acordo com Organização Panamericana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS, 2016) múltiplos fatores determinam o nível de saúde mental. Condições socioeconômicas, biológicas e psicológicas como fatores genéticos, situações de trabalho estressantes, exclusão social, discriminação de gênero, risco de violência e violações dos direitos humanos colocam em risco a saúde mental. Para que aconteça a promoção da saúde mental é necessária a proteção dos direitos básicos civis, socioeconômicos, políticos e culturais. Mas como garantir esses direitos em uma sociedade racialmente estruturada, como a nossa, em que a negação verbal da existência ou pertinência do racismo marca inclusive a produção teórica, o ensino e a intervenção em saúde mental? (DAVID, 2018; LOPES, 2004) É consenso entre estudiosos que o racismo e a discriminação são determinantes associados ao adoecimento e morte precoce da população negra (LOPES, 2004; LOPEZ, 2012; WERNECK, 2016). As violências do racismo são práticas que afetam também a saúde mental da pessoa que sofre, podendo levar ao sofrimento psíquico (DAMASCENO e ZANELLO, 2018; DAVID, 2018).

De acordo com Damasceno e Zanello (2018):

Historicamente, a vinculação entre raça e doença mental da teoria e da prática alienista do final do século XIX no Brasil levou os psiquiatras a construir relações entre doença mental e as “raças” que eram consideradas inferiores (p. 452).

Com isso, muitas doenças mentais eram associadas e atribuídas à pessoas com determinado caráter e características étnico raciais, prevalecendo a ideia de que mestiços e negros “estavam destinados à loucura, pois eram povos degenerados por definição, argumento que justificou e legitimou a instituição de dispositivos de controle social” (DAMASCENO e ZANELLO, 2018, p.452). Devido à apropriação de teorias eugenistas, o sofrimento de

minorias raciais e étnicas permaneceu alheio à construção do conhecimento, às ciências humanas, por um longo período (ibidem).

Atualmente as ações públicas de saúde mental são orientadas pela Política Nacional de Saúde Mental, criada a partir da Lei 10. 216, de 6 de abril de 2001, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). A Política tem como objetivo atender à demanda de cuidado em saúde mental e promover a atenção integral ao usuário com transtorno mental grave. A sua efetivação dá-se pela Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que compreende todos os recursos afetivos (relações pessoais, familiares, amigos, etc.), sanitários (serviços de saúde), sociais (moradia, trabalho, escola, esporte, etc.), econômicos (dinheiro, previdência, etc.), culturais, religiosos e de lazer, como forma de potencializar as equipes de saúde nos esforços de cuidado e reabilitação psicossocial. A RAPS é composta pelos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Residências Terapêuticas, Unidade Básica de Saúde (UBS), Unidades de Saúde da Família (USF), enfermarias especializadas em prontoatendimento e instituições de defesa dos direitos dos usuários (BRASIL, 2004). Entretanto, a partir da Nota Técnica nº 11/2019 - CGMAD/DAPES/SAS/MS, que esclarece sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas diretrizes da Política Nacional sobre Drogas, as comunidades terapêuticas⁷ passam a integrar a RAPS, e é incentivada a reabertura de leitos em hospitais psiquiátricos e a prescrição de eletroconvulsoterapia como forma de tratamento. Tal regulamentação evidencia o retrocesso na Política Nacional de Saúde Mental, assim como nos princípios da Reforma Psiquiátrica e a luta antimanicomial.

Embora o Ministério da Saúde tenha redirecionado o cuidado em saúde para as estratégias nas ações de Atenção Básica (BRASIL, 2013), o CAPS ainda é considerado como o principal serviço de cuidado e atenção à saúde mental e tem como objetivo atender à população do território que sofre com transtornos mentais graves, por meio de programas e estratégias terapêuticas, garantindo o princípio de acesso universal e respeitando as diferenças do sujeito, com um olhar voltado para sua totalidade e complexidade (BRASIL, 2004).

Ao tomar Fanon (2008) referência, destaca-se que produzir ações em saúde mental em um contexto desigual remete necessariamente ao engajamento implicado com os sujeitos subalternizados e, sobretudo, com a luta pela transformação das condições concretas de desigualdade de acesso à saúde e qualidade de vida. A questão que se coloca é: em que

⁷ Instituições de acolhimento a pessoas que fazem uso abusivo de álcool e outras drogas. Em sua maioria, são vinculadas a instituições religiosas cristãs e se valem de recursos que vão contra aos princípios da Reforma Psiquiátrica.

medida as formulações teóricas e políticas da saúde mental, formuladas a partir da reforma antimanicomial, estavam ou estão atentas aos efeitos psicossociais do racismo?

Segundo Emiliano David (2018) a discussão da temática étnico-racial não é costumeira nos equipamentos de saúde mental no Brasil, reproduzindo um desconhecimento ou a secundarização do sofrimento mental promovido pelo racismo. Para o autor, é comum que

os profissionais de saúde acabem reproduzindo as relações raciais hierarquizadas construídas ao longo de centenas de anos, associando cor da pele à posição hierárquica inferior, ao baixo poder aquisitivo e distinguindo condutas de cuidado entre as populações negra e branca. (DAVID, 2018, p.67).

No Brasil, a vinculação entre racismo e vulnerabilidades em saúde se deu a partir do ano de 1995, após a Marcha Nacional Zumbi dos Palmares e a criação do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra, no qual foi proposto um conjunto de medidas que consideravam as condições de vida e suas influências no processo saúde-doença, assim como as doenças e agravos mais frequentes nessa população (WERNECK, 2016).

Através da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas organizada pela ONU e realizada na África do Sul em 2001, foi possível a construção de propostas para atender a saúde da população negra, considerando as doenças geneticamente determinadas, como a anemia falciforme; adquiridas, derivadas de condições socioeconômicas desfavoráveis, como a desnutrição, IST/AIDS e transtornos mentais; doenças de tratamento dificultado, como a hipertensão e a diabetes; e condições fisiológicas alteradas pelas condições socioeconômicas, como o crescimento, gravidez e envelhecimento (WERNECK, 2016).

A partir disso, foi proposta a criação de uma política nacional que incentivasse a produção do conhecimento científico e capacitação dos profissionais de saúde, possibilitando a população negra o acesso à informação e atenção à saúde.

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) instituída pela Portaria Nº 992 de 13 de Maio de 2009 e atendendo ao Estatuto da Igualdade Racial, Lei Nº 12.288, de 20 de Julho de 2010, reconhece o racismo institucional e as desigualdades em saúde que acometem essa população, levando em consideração as condições de vida que resultam de injustos processos sociais, culturais e econômicos presentes na história do país, colaborando para melhores condições de saúde e promovendo equidade em saúde da população negra (BRASIL, 2013). A PNSIPN tem como objetivo geral “promover a saúde integral da população negra, priorizando a redução das desigualdades étnico-raciais, o

combate ao racismo e à discriminação nas instituições e serviços do SUS” (BRASIL, 2013, p. 19).

Baseando-se na proposta de Jones (apud Werneck, 2016), o racismo pode ser entendido como um sistema que opera através de normas, práticas e políticas que definem valores e oportunidades para pessoas a partir de sua aparência, operando em três dimensões que atuam de maneira simultânea: pessoal/internalizado, interpessoal e institucional.

Jurema Werneck (2016) afirma que o racismo institucional é a dimensão mais negligenciada, sendo que esta opera de maneira estrutural “correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais” (p. 541).

O racismo institucional pode ser entendido como produção sistemática de segregação étnico-racial nos processos institucionais, não se expressando em atos explícitos de discriminação, mas no cotidiano de organizações e instituições, manifestando-se através de práticas discriminatórias, gerando desigualdades e iniquidades (BRASIL, 2013; LOPEZ, 2012).

O aspecto que se quer destacar aqui, é que a saúde, não pode ser pensada devidamente sem a consideração dos fatores sociais que a circundam e isso não é novidade nem nos importantes tratados da reforma sanitária que resultaram na formulação e consolidação do SUS e nem nos tratados advindos da luta antimanicomial. O que espanta, quando contrastamos a produção teórica e política sobre saúde no Brasil, é a pouca importância dada aos efeitos do racismo, tanto sobre os determinantes sociais de saúde quanto, de forma mais direta, sobre o sofrimento psíquico (FAUSTINO, 2017).

Frantz Fanon (2020) ao abordar sobre a relação dos pacientes argelinos com os médicos europeus pontua sobre a dificuldade do paciente em confiar no médico - e aqui podemos estender a todos os profissionais de saúde - por já esperar um tratamento ruim que possa até mesmo o levar a morte e coloca

Primeiro há o fato de que o colonizado, como todos os homens nos países subdesenvolvidos e os deserdados em todas as regiões do mundo, percebe a vida não como o florescimento o desenvolvimento de uma fertilidade essencial, mas como uma luta permanente contra a morte atmosférica. Que a quase morte se materializa em fome endêmica, desemprego, epidemias, complexo de inferioridade e falta de futuro.

Essas ameaças ativas e obstáculos à existência dos colonizados dão às suas vidas uma sensação de morte incompleta. A atitude de rejeição à intervenção médica não é uma rejeição da vida, mas uma enorme passividade diante dessa morte próxima e contagiosa (FANON, 2020, p.15).

O que Fanon já nos alertava aqui é sobre a necessidade de um cuidado em saúde que se considere o sofrimento provocado pelas violências do racismo. Por isso a importância de

um sociodiagnóstico, onde o profissional de saúde enxergue a colonização como um fenômeno histórico-social (NOGUERA, 2020) e, por meio de uma “escuta sensível e qualificada às dinâmicas das relações raciais”, faça com que o sujeito se sinta acolhido em seu sofrimento (DAVID, 2018, p.17).

Em “Pele negra, máscaras brancas”, ao tratar sobre a questão do complexo de inferioridade, Fanon (2008) traz o exemplo de um de seus pacientes, que sonha ser branco. Na tentativa de compreender e atender a questão apresentada pelo seu paciente, Fanon sugere a necessidade de uma ação conjunta, onde ele enquanto psicanalista, ajude seu paciente a se conscientizar sobre seu inconsciente e a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas agir em busca de mudanças das estruturas sociais.

A partir disso, entendemos que é papel dos gestores e profissionais de saúde atender a população negra levando em consideração seus determinantes sociais, combatendo o racismo e colaborando para a efetivação da PNSIPN através de um cuidado em saúde mental que colabore para o processo de desalienação e que, assim como Fanon, enxergue “na loucura um clamor por liberdade (NOGUERA, 2020).

É importante não perder de vista aqui que a saída para Fanon (2008) implica em uma reestruturação do mundo, entendendo que a práxis revolucionária tem o poder de “derrubar o colonialismo, tanto na mente do colonizado, quanto nas relações sociais objetivamente postas” e “como consequência, possibilitaria ao colonizado, ascender do status de objeto a sujeito histórico de sua própria história” (FAUSTINO, 2013)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inspirações para este trabalho se deram através da experiência e reflexões possibilitadas pelo módulo Encontros e Produção de Narrativas do eixo Trabalho em Saúde (TS), onde tive a oportunidade de conhecer a história de vida do meu narrador: um homem negro, usuário de um serviço de saúde mental, que se abriu e me contou sua história marcada por momentos felizes, mas também por violências e infelicidades atreladas ao racismo. Através dessa experiência entendi o sentido da minha profissão, me interessei pelas reflexões e o cuidado em saúde mental e passei a questionar: existe relação entre racismo e saúde mental?

A partir deste questionamento decidi investigar por meio da pesquisa tendo nas reflexões de Frantz Fanon os subsídios necessários para responder que sim, existe uma profunda relação entre racismo e saúde mental, a qual por muitas vezes é negligenciada por profissionais de saúde ou que até mesmo é reforçada devido o racismo institucional.

Fanon foi um psiquiatra que ofereceu contribuições caras para a saúde mental, principalmente no que tange à desinstitucionalização, entretanto sua obra é pouco mencionada nas produções teóricas sobre o assunto, mesmo o autor tendo realizado reformas psiquiátricas antes até do aclamado Franco Basaglia, que inclusive se inspirou em Fanon, como aqui já mencionamos. Tal fato explicita o racismo no debate da luta antimanicomial, o que consequentemente afeta o cuidado em saúde mental.

Pensando no contexto dos CAPS podemos afirmar que acolher uma pessoa negra tem um contexto totalmente diferente de uma pessoa branca. Ambas podem chegar ao serviço alegando sintomas semelhantes, entretanto a pessoa negra está inserida em uma estrutura na qual até mesmo sua dor é negligenciada e questionada devido a construção de estereótipos racistas de força e resiliência, os quais por muitas vezes, aquela pessoa não escolheu carregar. É importante ressaltar aqui que nem todas as pessoas negras vem a adoecer devido ao racismo, mas a violência da estrutura e os próprios ataques diretos podem vir a levar ao sofrimento psíquico, o que requer dos profissionais de saúde um olhar atento, atendendo essa pessoa de maneira integral e considerando as marcas que o racismo pode deixar.

A prática revolucionária de Fanon enquanto psiquiatra e militante colabora para pensarmos que o racismo, assim como a manicomialização, coisifica aquele que é acometido por essa lógica, apontando para a necessidade de racializarmos a história da loucura, especialmente no Brasil (PASSOS, 2018) e assim como ele, lutarmos por uma sociedade que

não haja exploração, entendendo que o prognóstico está em nossas mãos e que cabe a nós a defesa pela liberdade do humano onde quer que ele esteja.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 992, de 13 de maio de 2009**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html. Acesso em: 7 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras drogas**. Atual. em: 20 nov. 2018. Disponível em : <http://www.saude.gov.br/politica-nacional-de-saude-mental-alcool-e-outras-drogas>. Acesso em: 7 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Coordenação de Saúde Mental, Álcool e outras drogas. **Nota técnica n. 11/2019 - CGMAD/DAPES/SAS/MS**, Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas, 2019. Disponível em: <http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf>. Acesso em 28 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde mental**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001. **Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental**. Disponível em: <http://cgj.tjrj.jus.br/documents/1017893/1038413/politica-nac-saude-mental.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei no 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. 1. ed., Brasília: 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 7 jul. 2019.

BISNETO, José Augusto. **Serviço Social e Saúde Mental: Uma análise institucional da prática**. São Paulo: Cortez, 2007.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. **Saúde mental e racismo contra negros**: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Jul/Set. 2018 v. 38 n°3, p. 450-464

DAVID, Emiliano de Camargo. **Saúde mental e racismo**: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018, 168 p.

FANON, Frantz; GERONIMI, Charles. A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (2). In: KHALFA, Jean; YOUNG, Robert J. C (org.) FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. Título original: *Écrits sur l'aliénation et la liberté*; traduzido por Sebastião Nascimento; prefácio de Renato Nogueira; introdução e notas de Jean Khalfa. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 400 pp.

FANON, Frantz. Medicina e colonialismo. Título original: *Medicina y colonialismo*. In: **Sociología de una revolución**. Editora Terra sem amos: Brasil, 2020. 40 p.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FANON, Frantz. **Racismo e Cultura**. *Revista Convergência Crítica*, Campo dos Goytacases, n. 13, 2018, p.78-90. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/issue/view/A%20Quest%C3%A3o%20Ambienta%20na%20atualidade/showToc>. Acesso em: 17 out. 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A psiquiatria revolucionária de Frantz Fanon. Quatro em um. São Paulo, Folha de São Paulo. 01/07/2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/p/a-psiquiatria-de-fanon?fbclid=IwAR1JVEShjhwohUYbT-TQ7T1yk31MVTzNzZ9kuY2n0dWXYpF8UdmhwFDFhiJo>. Acessado em: 6 de julho de 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Colonialismo, racismo e luta de classes**: a atualidade de Frantz Fanon. In: V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013. Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina, 2013. p. 216-232.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon, a branquitude e a racialização: aportes introdutórios a uma agenda de pesquisas. In: MULLER; CARDOSO (org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Apris, 2017.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon**: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. *SER Social*, Brasília, v. 20, n. 42, jan-jul 2018b. p. 148-163.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon**: um revolucionário, particularmente negro. 1ª edição ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018a. 114 p.

FAUSTINO, Deivison Mendes. O que Fanon disse, afinal? Lewis Gordon e a defesa de uma abordagem fanoniana. **Plural**, v. 22, n. 2, p. 247-253, 2015.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Por que Fanon? Por que agora?:** Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. São Carlos: UFSCar, 2015. 260 p.

GAGNÉ, Karen M. **Sobre a obsolescência das disciplinas:** Frantz Fanon e Sylvia Wynter propõem um novo modo de ser. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, 2 (1), 2018, p. 44-65. Originalmente publicado *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, V, Special Double-Issue, 2007, pp. 251-264 - *On the Obsolescence of the Disciplines: Frantz Fanon and Sylvia Wynter Propose a New Mode of Being Human*

GONÇALVES, Pedro Augusto Pereira. **A causação social da psicopatologia à luz de Frantz Fanon:** o contraponto à proposta objetivista da filosofia da psiquiatria de Dominic Murphy. *Peri*, v. 9, n. 2, 2017, p. 94-106. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/view/2875>. Acesso: 18 mar. 2019.

GORDON, Lewis R. *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to His Life and Thought*. New York: Fordham University Press, 2015. 118 p.

KHALFA, Jean; YOUNG, Robert J. C (org.) FANON, Frantz. **Alienação e liberdade:** escritos psiquiátricos. título original: *Écrits sur l'aliénation et la liberté*; traduzido por Sebastião Nascimento; prefácio de Renato Nogueira; introdução e notas de Jean Khalfa. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 400 pp.

LOPES, Fernanda. **Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer:** tópicos em saúde da população negra. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/projeto914bra3002.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2017.

LOPÉZ, Laura Cecilia. **O conceito de racismo institucional:** aplicações no campo da saúde. *Revista Interface - Comunicação, saúde e educação*. Botucatu, v. 16, n. 40, p. 121-134, jan./mar. 2012.

PASSOS, Rachel Gouveia. **“Holocausto ou navio negreiro?”:** inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. *Argumentum*, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-23, set./dez. 2018.

ROCHA, Gabriel dos Santos. **Antirracismo, negritude e universalismo em *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon.** *Sankofa Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano VIII, n 15, agosto/2015.

SAPEDE, Thiago C. Racismo e Dominação Psíquica em Frantz Fanon. **Sankofa: revista de história da África e de estudos da diáspora africana.** Dossiê – II Seminário Sankofa. “Descolonização e Racismo: atualidade e crítica”, 2011.

SAÚDE MENTAL depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial. **ONU Brasil**, 10 out. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/saude-mental-depende-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p.88

WERNECK, Jurema. **Racismo institucional e saúde da população negra**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 3, 2016, p. 535-549

WYNTER, Sylvia. **Toward the sociogenic principle**: Fanon, the puzzle of Conscious Experience, of "Identity" and What it's like to be black. Collection of Essays National Identity and Sociopolitical Change: Latin America Between Marginization and Integration. University of Minnesota Press: 1999.